

## COLÓQUIO “ARTES DA FALA”

Realizou-se nos dias 27, 28 e 29 de Junho, em Portel, e por iniciativa da Oficina de Património da Câmara Municipal de Portel e do Centro de Tradições Populares Portuguesas da Universidade de Lisboa (CTPP), o Colóquio *Artes da Fala*. Foram responsáveis pela organização Paulo Lima e Jorge Freitas Branco, representando, respectivamente, as instituições referidas, sendo a coordenação científica assegurada por Manuel Viegas Guerreiro (CTPP).

O objectivo da organização foi o de proporcionar um espaço para “perspectivar a literatura popular e o uso da oralidade numa abordagem antropológica”, proposta que se inscreve no volume de textos de *No jardim do mundo* (publicado durante o colóquio com um CD — antologia de textos rezados e cantados em que se encontra o registo de diferentes formas de versificação utilizadas no Sul — e um volume de imagens — fotografias de Augusto Brázio, responsável pelo suporte fotográfico do projecto *Vivo no Jardim do Mundo*, da Oficina de Património da C.M.P., de que o texto de Paulo Lima, adiante resumido, é componente — com o mesmo título).

Em “Povo e cultura”, Manuel Viegas Guerreiro defende a utilização de um conceito antropológico de cultura, que permite, ao definir-se esta última, e abrangentemente, como “a herança social”, relativizar a noção de uma superioridade da aprendizagem cultural dependente da escrita e da escolaridade.

Em “A literatura popular entre o oral e o escrito”, Maria de Fátima Sá propõe a consideração de um espaço de intertextualidade entre o oral e o escrito na literatura popular, substituindo uma oposição que se revelaria redutora na apreciação, nomeadamente, de algumas décimas do Sul de Portugal, definidas como um produto híbrido, entre o oral e o escrito, convidando a hipótese provável de uma origem letrada de composições que circulam tanto oralmente como em folhetos de cordel à interrogação dos processos pelos quais a oralidade e a escrita se conjugam, de forma contrastada mas não opositiva, na construção do registo e transmissão de uma memória social de que as décimas são lugar.

O texto, de Paulo Lima, “Artes da fala: sobre produtores e (re)utilizadores de textos em verso circulando a Sul do Rio Tejo” desenvolve-se em torno de três vertentes principais. Na primeira, aponta-se a fragilidade de noções como “poesia” ou “poeta popular”, já que assentam, algumas das reflexões sobre estas questões em dicotomias, como oral/escrito e popular/erudito que neutralizam a interpenetração de ambos os pólos. A vulgarização da imprensa e a importância do *colportage* — que revela o acesso à escrita —, bem como a circulação de informação, ideias e gostos motivada pela mobilidade e comunicação das populações, são os elementos que permitem o entendimento de um espaço não isolado culturalmente, noção espelhada, por exemplo, na presença de formas versificadas como a décima — que toma no Sul o nome de *quadra* — em territórios diferentes e afastados. Se o termo “popular” — aqui designado “textos de grande circulação” — se constrói equivocadamente por oposição à qualificação “erudito”, também é recorrente a utilização de um aparato conceptual desajustado ao tipo de textos aqui tratados, baseado na análise da “criação poética”, que não cobre toda a utilização de composições versificadas. No que diz respeito à *quadra* do Sul, propõe-se pois a construção de um modelo que, excedendo as aproximações historico-literárias, possa incidir fundamentalmente no universo cultural dos seus produtores e (re)utilizadores, detentores dos seus significados.

Numa segunda vertente, traça-se o percurso histórico de introdução, vulgarização e utilizações diferenciadas da décima no Sul de Portugal. Partindo da análise e comparação de textos e da inventariação de uma “poética do popular”, procura aceder-se aos modos de construção de textos versificados pelos seus utilizadores, por uma lado, e, por outro, à detecção das origens dessa poética

do autor, procurando nele encontrar elementos que possam enquadrar Pombinho Júnior numa rede de relações sociais, políticas e intelectuais; partindo da análise do material inédito e do seu confronto com a bibliografia publicada, importa ver o modo como decorre o processo de realização dos trabalhos e se forma o espectro de interesses, finalmente, e tendo em conta os dois anteriores grupos de questões, importa situar o autor no contexto de produção intelectual em que se inseriu, usualmente caracterizado pelo seu *amadorismo*, contribuindo para uma reavaliação desse atributo e para uma questionamento dos conteúdos que preenchem a categoria de *etnografia*.

**2ª Sessão-moderador:** Dr. Júlio Brancas.

– Dr. J. Rabaça Gaspar (Beja).

*As décimas – a sua originalidade lusa.*

O autor defende que as “DÉCIMAS são, podem ser, uma forma de EXPRESSÃO POÉTICA essencialmente ORAL e POPULAR” e “nitidamente LUSA do Sul de Portugal”. Sugere ainda uma “possível vertente mágica” das décimas, lançando algumas pistas “para as possíveis origens e possíveis SENTIDOS OCULTOS como o da CRUZ CIRCULAR, que é possível detectar tanto na forma, como na concepção mental elaborada por pessoas que não sabem escrever ou as improvisam sem as escrever...”. Admite “a hipótese de ter esta tradição oral, até por ser essencialmente oral, uma nítida ligação com os segredos e sabedoria ancestral transmitidos pela Cabala.”

– Dr. J. M. Monarca Pinheiro (Jornal Terras do Cante, Alcáçovas).

*Amor e erotismo nalgumas décimas tradicionais do Alentejo – interpretação antropológica.*

Análise descritiva de “textos poéticos orais/escritos” (relacionados com os temas enunciados no título) que “revelam comportamentos sociais que caem no âmbito da tradição podendo ser interpretados do pontos de vista antropológico”. Para além desta equação sugerida entre *tradição e perspectiva antropológica* (?), o autor defende ainda a noção de um “poder oracular” ligado à *poesia oral/escrita tradicional*; assim, “os poetas são, de alguma forma, profetas (...) enquanto vozes do povo (...) pois ao interpretarem o pulsar da vida relacional da sua comunidade auto-descobrimo-se mostram-se também como (...) indicadores de caminho, ou ainda como personagem de personagens num teatro-vida que alerta para as regras e desregras do viver em comum ou para os modos de ser e dever ser de cada um no todo.”

**3ª Sessão-moderador:** Prof. Dr. Manuel Viegas Guerreiro.

– Dra. Aliete Galhoz (CTPP, Universidade de Lisboa).

*Mais algumas notas sobre o romance Lázaro e o Rico - testemunhos alentejanos.*

Trata-se da tradição popular, enversada, da parábola novitamentária “O Rico Aventureiro” (Lucas, 16-19-31). Tema recorrentemente explorado na Idade Média, persiste, por exemplo, na memória pan-europeia, nas baladas e romance de várias vertentes culturais: cita-se a anglo-saxónica (“Lazarus and Dives”), a francesa (“Le mauvais riche”), e a Ibérica (“Lázaro y el rico”/S. Lázaro). Salienta-se que em todos os enversamentos, de todas as vertentes, tem função petitoria de esmola. Estudam-se dois afloramentos peninsulares e aponta-se a ressurgência do tema num outro género de enversamento, a quadra glosada em décimas, característica do Alentejo e da beira serra algarvia. (Resumo da Autora).

– Doutor José Manuel Pedrosa (Centro de Estudios Históricos Menéndez Pidal, Madrid)

Canción tradicional y magia.

(Sem acesso ao resumo da comunicação).

– Dra. Manuela Barros Ferreira (Centro de Linguística, Universidade de Lisboa).

*Era não era - personagem de um anfitrião popular.*

(Sem acesso ao resumo da comunicação).

– Dra. Maria Mantero Morais (CEAS, Lisboa).

*Para além do discurso: identidades femininas numa freguesia do concelho de Portel.*

Apresentação de notas de trabalho de campo realizado pela autora numa freguesia de Portel. Construção de um quadro descritivo no qual se apercebem as linhas que estruturam as relações dentro de um grupo de mulheres, no qual se insere a autora, linhas que se relacionam com processos de solidariedade e permitem ver uma ocupação de espaços no contexto da freguesia. A autora privilegia na sua abordagem a relação que manteve com as mulheres, relativizando o papel de observadora à luz do seu relacionamento e identificação com o grupo e com os seus elementos.

**4ª Sessão-moderador:** Prof. Dr. Jorge Freitas Branco

– Grupo de Arronches

– *Revista Lusitana* (Nova Série), 13-14 (1995). Publicação das actas do colóquio “Retratos do País”.

**Espectáculos:**

*Cante às vozes:*

Grupo Coral Ceifeiros de Cuba

Grupo Coral do Sindicato dos Mineiros de Aljustrel

*Cante do balcão:*

Organizado por António Bernardo, de Aldeia das Amoreiras (Odemira).

**Patrocínios:**

Ministério da Cultura - Delegação Regional do Alentejo

Câmara Municipal de Beja

Câmara Municipal de Aljustrel

Câmara Municipal de Sines

Junta de Freguesia de Portel

Caixa Geral de Depósitos

Edições Colibri

*Ana Teresa Sousa*